ISSN 2525-4812 (versão online)
ISSN 2238-7641 (versão impressa)
http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/index

Recebido em: 6/6/2022
Aceito para RTMA: 20/8/2022
Período de publicação: 2022

Revista Terceira Margem Amazônia
(v. 8 • n. 19 • 2022)

Como citar o artigo:

MARJOTTA-MAISTRO, M. C.; MONTEBELLO, A. E. S.; SANTOS, J. A.; PEDROSO, M. T. M. Principais regiões produtoras e de comercialização: o fluxo de abastecimento da mandioquinha-salsa. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 8, n. 19, p. 241-251, 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2022v8i19.p241-251.

PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS E DE COMERCIALIZAÇÃO

O FLUXO DE ABASTECIMENTO DA MANDIOQUINHA-SALSA

Marta Cristina Marjotta-Maistro[1]
Adriana Estela Sanjuan Montebello[2]
Jeronimo Alves dos Santos[3]
Maria Thereza Macedo Pedroso[4]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o fluxo de abastecimento, entre as regiões de produção e de comercialização de mandioquinha-salsa, entre os anos de 2016 e 2020. Mais especificamente, busca identificar as regiões que apresentaram maior contribuição relativa em termos de volume do produto ofertado, além das centrais de abastecimento que receberam maiores volumes de mandioquinha-salsa. Para alcançar o propósito deste estudo, a pesquisa teve abordagem exploratório-descritiva e utilizou informações secundárias, principalmente do site da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), particularmente a base de dados da Prohort – Simab. Os resultados alcançados revelaram que, no período levantado na presente pesquisa, de 2016 a 2020, foram comercializadas cerca de 55.167 t, com destaque para o ano de 2017, com o maior percentual de volume comercializado no período (23%). A taxa geométrica de crescimento da quantidade comercializada de mandioquinha-salsa no período foi de 3,14% a.a. Em termos regionais, a região Sudeste se destaca na comercialização de mandioquinha-salsa em todo o período analisado. Em média, considerando todo o período, a região Sudeste teve participação de 66,68% no total comercializado por região, seguido da região Sul, com 32,50%, da região Nordeste, com 2,23% e, por fim, da região Centro-Oeste, com 0,8% de participação. Os resultados também apontaram que as

[1] Economista, doutora em Ciências (Economia Aplicada), professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Ciências Agrárias (CCA), Campus de Araras, São Carlos, SP.
E-mail: marjotta@ufscar.br
https://orcid.org/0000-0003-2548-6214

[2] Economista, doutora em Ciências (Economia Aplicada), professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Ciências Agrárias (CCA), Campus de Araras, São Carlos, SP.
E-mail: adrianaesm@ufscar.br
https://orcid.org/0000-0003-2822-6434

[3] Gestor de agronegócio, doutor em Ciências (Economia Aplicada), professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP.
E-mail: jeronimo@ufscar.br
https://orcid.org/0000-0002-4793-4973

[4] Engenheira-agrônoma, doutora em Estudos Comparados sobre as Américas, pesquisadora da Embrapa Hortaliças, Brasília, DF.
E-mail: maria.pedroso@embrapa.br
http://orcid.org/0000-0002-7589-186X

centrais de abastecimento (Ceasas) de Minas Gerais, São Paulo e Paraná representaram os maiores mercados atacadistas para a mandioquinha-salsa, sendo também os principais estados fornecedores do produto. Conclui-se que o presente trabalho contribuiu para a análise do fluxo de abastecimento entre as regiões de produção e de comercialização da mandioquinha-salsa, destacando que as principais regiões produtoras e seus respetivos estados concentram o abastecimento nas próprias regiões.

Palavras-chave: fluxo, origem, destino, mandioquinha-salsa.

MAIN PRODUCING AND TRADING REGIONS: THE FLOW OF SUPPLY OF *ARRACACIA XANTHORRHIZA*

Abstract: The present work aims to present the flow of supply, between the regions of production and commercialization of Arracacia xanthorrhiza, between the years 2016 and 2020. More specifically, it seeks to identify the regions that had the largest relative contribution in terms of volume of the product offered, in addition to the supply centers that received larger volumes of Arracacia xanthorrhiza. To achieve the purpose of this study, the research has exploratory-descriptive approach and used secondary information, mainly, from the website of the National Supply Company (Conab), particularly the database of Prohort – Simab. The results achieved were that in the period surveyed in the present research, from 2016 to 2020, about 55,167 tons were commercialized, with emphasis on the year 2017, with the highest percentage of volume commercialized in the period (23%). The geometric growth rate of the quantity sold of Arracacia xanthorrhiza in the period was 3.14% p.a. In regional terms, the Southeast region stands out in the commercialization of Arracacia xanthorrhiza throughout the period analyzed. On average, considering the whole period, the Southeast region had a 66.68% share in the total commercialized per region, followed by the South region, with 32.50%, the Northeast region, with 2.23% and, finally, the Center-West region, with 0.8% share. The results also pointed out that the Central Supply Centers (Ceasas) of Minas Gerais, São Paulo and Paraná represented the largest wholesale markets for Arracacia xanthorrhiza, together being the main supplier states of the product. We conclude that this work has contributed to the analysis of the flow of supply between the regions of production and marketing of Arracacia xanthorrhiza, highlighting that the main producing regions and their respective states, concentrate supply in their own regions.

Keywords: flow, origin, destination, *Arracacia xanthorrhiza*.

Introdução

Há relatos de que a mandioquinha-salsa foi introduzida no Brasil, no início do século passado, mais especificamente nas terras do Barão de Friburgo, do município montanhoso fluminense Friburgo. Com o tempo, passou a se chamar a "batata do barão", até ser conhecida como "batata-baroa". Daquela região, suas mudas foram distribuídas para outras regiões de montanha do extremo sul de Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. Em cada localidade, recebeu um nome: mandioquinha-salsa, batata-baroa, batata-salsa, batata-aipo, aipim-branco, cenoura-amarela e cenoura-salsa (BRASIL, 2015).

Até a década de 1990, a produção de mandioquinha-salsa era exclusivamente realizada por pequenos produtores em regiões montanhosas com baixo uso de tecnologias (adubos e defensivos). Nas 2 últimas décadas, tem-se verificado, progressivamente, seu cultivo em estabelecimentos agropecuários de maior porte físico e econômico, com tecnologias utilizadas na produção em escala, como pivô central de irrigação, localizados em regiões de altitude abaixo de mil metros. Ou seja, está deixando de ser uma produção de pequena escala para se tornar de grande escala

em um processo de "commoditização" semelhante ao ocorrido com a batata-inglesa e o alho. No entanto, como não tem toda a tecnologia de produção desenvolvida e não é um alimento popular, como a batata-inglesa e o alho, tal processo pode ocorrer em ritmo muito mais lento (PEDROSO, 2020).

O fato é que pouco são estudadas as cadeias produtivas de hortaliças e menos ainda aquelas que têm menor volume de produção ou menor número de estabelecimentos agropecuários envolvidos em sua produção. No entanto, estudos de cadeias produtivas são fundamentais para a tomada de decisão tanto por parte dos gestores públicos como pelos agentes econômicos. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o fluxo de abastecimento entre as regiões de produção e de comercialização de mandioquinha-salsa entre os anos de 2016 e 2020. Mais especificamente, busca identificar as regiões que apresentaram a maior contribuição relativa em termos de volume do produto ofertado, além das centrais de abastecimento que receberam maiores volumes de mandioquinha.

Além disso, sugerem-se, como estudos futuros, trabalhos sobre a expansão da produção para escalas maiores, avaliando se existe um processo de "comoditização" em curso, como também destacar a participação dos diferentes agentes no processo de comercialização (produtor/atacado/varejo).

Metodologia e fonte de dados

Este trabalho utilizou o método comparativo e revisão narrativa de caráter exploratório. As informações pertinentes ao problema de pesquisa foram feitas por meio de revisão bibliográfica, não pretendendo esgotar o assunto proposto. Analisaram-se os dados secundários sobre o fluxo de mandioquinha-salsa obtidos em base de dados institucionais.

Segundo Gil (2008), quando se tem uma investigação de fenômenos e suas relações em períodos distintos que podem levar a generalizações dos resultados encontrados, define-se como método comparativo de pesquisa. O autor afirma que nesse método é possível descrever características entre as variáveis estudadas com associações entre os dados, além do intenso levantamento bibliográfico necessário para obter as informações à pesquisa em questão.

Rodrigues *et al.* (2011) utilizaram o método com enfoque comparativo para analisar a competitividade do sistema agroindustrial do frango de corte no estado do Tocantins, e Schneider (2003) estabeleceu o método comparativo para fazer pesquisa de campo e analisar as características da agricultura familiar no Sul do Brasil, comparando a perspectiva dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Outro método que não é rígido na seleção bibliográfica para coletar informações sobre os fenômenos estudados, segundo Cordeiro *et al.* (2007), é a revisão de literatura de caráter narrativo, ela parte de um assunto temático com viés de seleção do pesquisador.

Ainda, de acordo com Rother (2007), a revisão narrativa é uma forma de seleção, e as fontes pesquisadas são normalmente não especificadas e enviesadas, esse método contribui com as discussões de temas que favorecem o conhecimento científico que está se desenvolvendo.

Leitner e Alves Filho (2019) adotaram o método de revisão narrativa para analisar as decisões e estratégias de operações das propriedades de grãos, e os autores Toledo e Rodrigues (2017) realizaram busca de artigos para averiguar estudos sobre teoria da mente de adultos utilizando o mesmo método de revisão narrativa.

Além disso, Marconi e Lakatos (2003) afirmam que, ao direcionar os eventos em análise para o propósito do estudo científico, a pesquisa exploratório-descritiva ajuda a explicar os aspectos tanto qualitativos como quantitativos dos fenômenos encontrados.

Neste estudo foram utilizados dados secundários advindos de livros, revistas, artigos e sites de bancos de dados do setor público e privado. O site da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) foi a principal fonte de dados coletada e analisada por esta pesquisa, especificamente a base de dados da Prohort-Simab. Essa base de dados consiste em um banco de dados que permite extrair três dimensões: preços médios, quantidades e valores.

Neste trabalho foi selecionada para análise a variável quantidade, a qual se refere ao volume, em quilograma, comercializado nos entrepostos no período de 2016 a 2020. É possível, ainda, por meio desse banco de dados, identificar a origem (por município, unidade da federação, micro e mesorregião, região e país) dos produtos comercializados nas Ceasas e o destino. Assim, foi possível identificar quais foram os maiores estados fornecedores e consumidores dessa hortaliça.

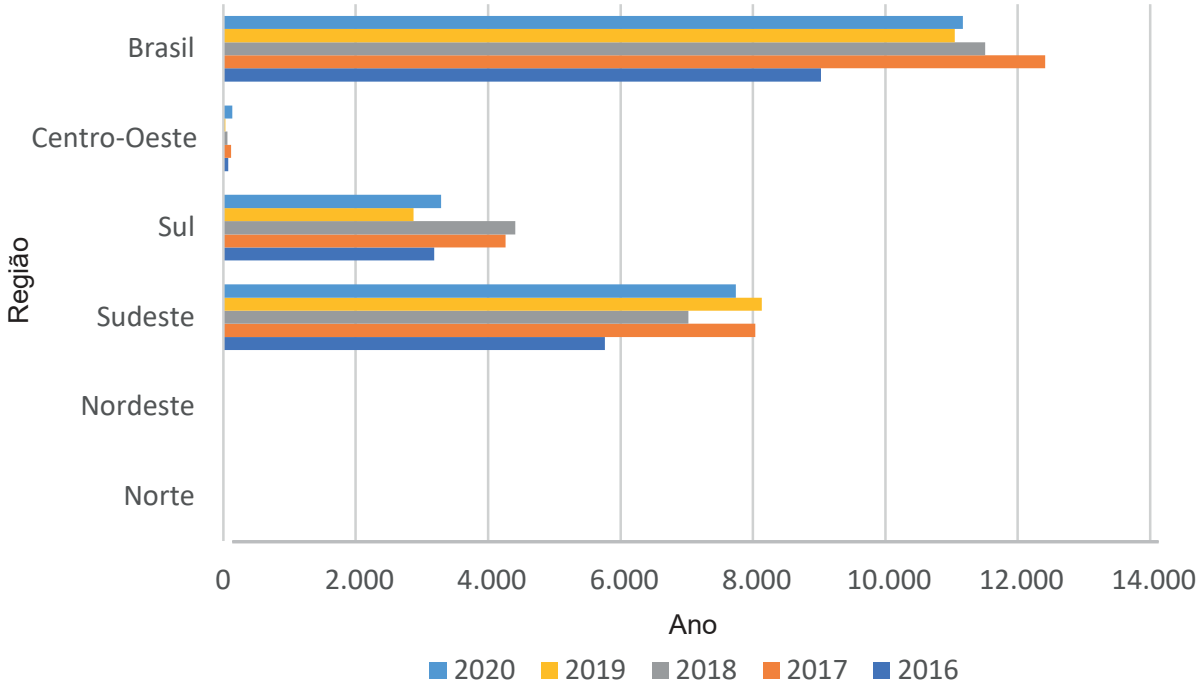
Resultados e Discussão

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, apenas 2.495 estabelecimentos rurais produziram mandioquinha-salsa. Além disso, 80% desses estabelecimentos estão distribuídos entre: Santa Catarina (29%), Paraná (17%), Minas Gerais (16%), Espírito Santo (14%) e São Paulo (4%). A unidade da Federação que apresentou o maior volume de produção foi Minas Gerais (73%). Em seguida, Santa Catarina (10%) e Paraná (9%). Em quarto lugar estão empatados São Paulo e Espírito Santo (3%) (IBGE, 2019).

Da mesma forma que ocorre a concentração da produção, está sendo, cada vez mais comum, a venda da produção de mandioquinha-salsa para empresas lavadoras. Elas não apenas lavam a mandioquinha-salsa, mas descartam aquelas com mancha ou com injúrias mecânicas, classificam de acordo com os diferentes tamanhos e condicionam em caixas, com o objetivo de vender para as empresas de atacado de hortaliças. É, portanto, uma atividade que vem se concentrando e tomando o papel de intermediários entre o produtor e as empresas de atacado (algumas vezes entre os agricultores e as grandes redes de supermercado). Na maioria das vezes, as empresas lavadoras eram apenas produtores de mandioquinha-salsa que lavavam sua produção. Ao expandir a atividade econômica, aumentaram suas capacidades de lavagem e seleção e passaram a comprar o produto de agricultores da vizinhança, de outros municípios e até mesmo de outros estados. Isso explicaria os motivos pelos quais o estado de São Paulo tem grande proporção das "entradas" de mandioquinha-salsa na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), apesar de estar longe de ser o maior produtor dessa hortaliça. A cidade de Piedade (SP) conta com muitas empresas lavadoras de mandioquinha-salsa (PEDROSO, 2020).

Considerando o total de mandioquinha-salsa comercializada nas Ceasas, entre 2016 e 2020, pode-se verificar que 2017 foi o ano de maior comercialização do produto, com 12.416 t comercializadas. Em 2016 foram comercializadas 9.028 t e em 2020 o total foi de 11.169 t de mandioquinha-salsa comercializada nas Ceasas, o que mostra crescimento de 23,71% comparando os valores desses 2 anos. A Figura 1 ilustra o volume total de mandioquinha-salsa comercializado pelo Brasil entre 2016 e 2020 (cerca de 55.167 t). A taxa geométrica de crescimento da quantidade comercializada de mandioquinha-salsa dentro do intervalo de tempo de 2016 a 2020 foi de 3,14% a.a.

Figura 1. Volume total (t) de mandioquinha-salsa comercializado por região e pelo total brasileiro – 2016 a 2020.

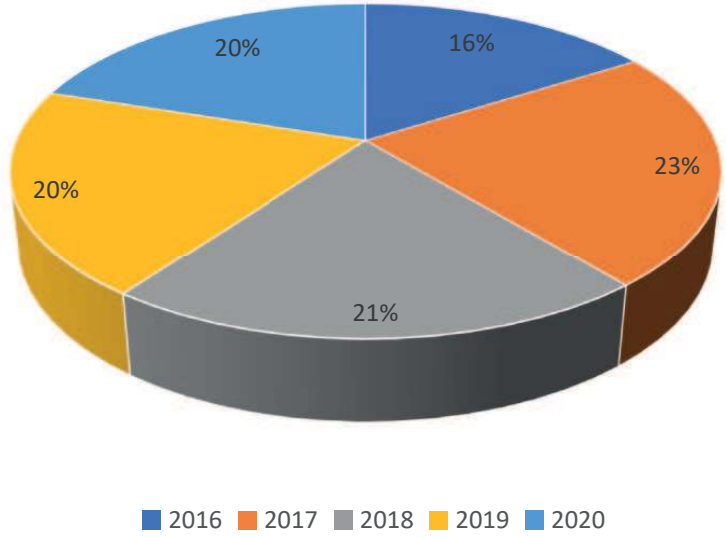


Fonte: Conab (2021).

Conforme ilustra a Figura 2, em relação ao total comercializado do produto nos anos de 2016 a 2020 (55.167 t), o ano de 2017 foi o que apresentou o maior percentual de volume comercializado no período (23%).

Além disso, de acordo com a Figura 1, a região Sudeste se destaca na comercialização de mandioquinha-salsa em todo o período analisado. As Tabelas 1 e 2 e as Figuras de 3 a 7 permitem visualizar a maior participação da região Sudeste, considerando os anos de 2016 e 2020 selecionados, em relação às demais regiões brasileiras.

Figura 2. Percentual do volume total comercializado, entre 2016 e 2020, de mandioquinha-salsa considerando origem-destino.



Fonte: Conab (2021).

Tabela 1. Volume comercializado de mandioquinha-salsa, origem e destino, em toneladas, ano de 2016, por região e pelo Brasil.

Origem/destino	DF	GO	ES	MG	RJ	SP	PR	RS	Total
Sudeste	0,00	5,50	370,21	2.778,50	706,82	1.897,25	8,12	0,00	5.766,40
Norte	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Nordeste	0,00	0,00	0,00	0,00	0,43	0,00	0,00	0,00	0,43
Sul	0,00	0,00	0,00	0,00	32,59	133,34	3.020,17	0,82	3.186,92
Centro-Oeste	27,15	13,30	0,00	33,47	0,00	0,00	0,00	0,00	73,92
Total	**27,15**	**18,80**	**370,21**	**2.811,97**	**739,84**	**2.030,59**	**3.028,29**	**0,82**	**9.027,67**

Fonte: Conab (2021).

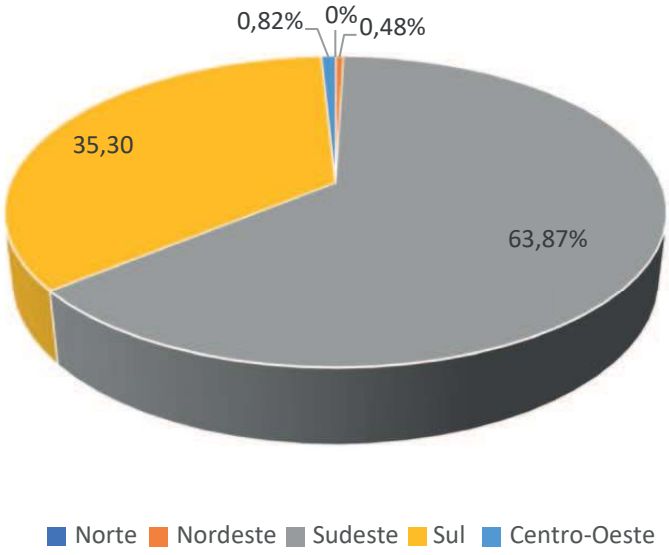
Tabela 2. Volume comercializado de mandioquinha-salsa, origem e destino, em toneladas, ano de 2020, por região e pelo Brasil.

Origem/ estino	DF	GO	ES	MG	RJ	SP	PR	RS	Total
Sudeste	2,30	174,40	191,60	3.252,34	599,13	3.522,16	0,00	7.741,93	5.766,40
Norte	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Nordeste	0,00	0,00	0,00	0,55	0,18	0,00	0,00	0,73	0,43
Sul	0,00	0,00	0,00	0,33	103,00	375,06	2.812,30	3.290,68	3.186,92
Centro-Oeste	98,60	0,00	0,00	37,51	0,00	0,00	0,00	136,11	73,92
Total	**100,90**	**174,40**	**191,60**	**3.290,73**	**702,31**	**3.897,21**	**2.812,30**	**11.169,45**	**9.027,67**

Fonte: Conab (2021).

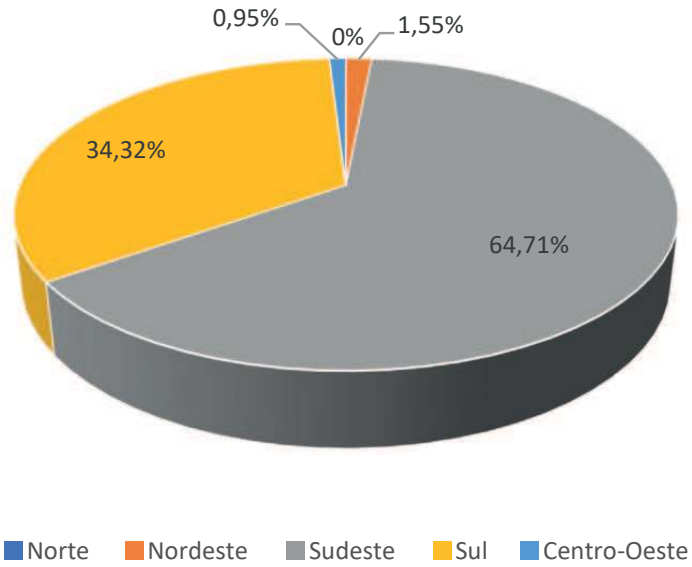
Em 2016, o volume comercializado pela região Sudeste foi de 5.755,4 t e, em 2020, 7.741,93 t, o que representa acréscimo de 34,25% no comparativo desses anos (Tabelas 1 e 2). Em 2016, de acordo com a Figura 3, a região Sudeste representou 63,78% do total comercializado de mandioquinha-salsa em relação ao total comercializado pelo país, seguida das regiões Sul (35,30%), Centro-Oeste (0,82%) e Nordeste (0,48%). Em média, considerando os anos de 2016 a 2020, a região Sudeste teve participação de 66,68% no total comercializado por região; a região Sul de 32,50%; a região Nordeste de 2,23% e a região Centro-Oeste de 0,8%.

Figura 3. Participação por região (percentual) no total comercializado de mandioquinha-salsa, no ano de 2016.



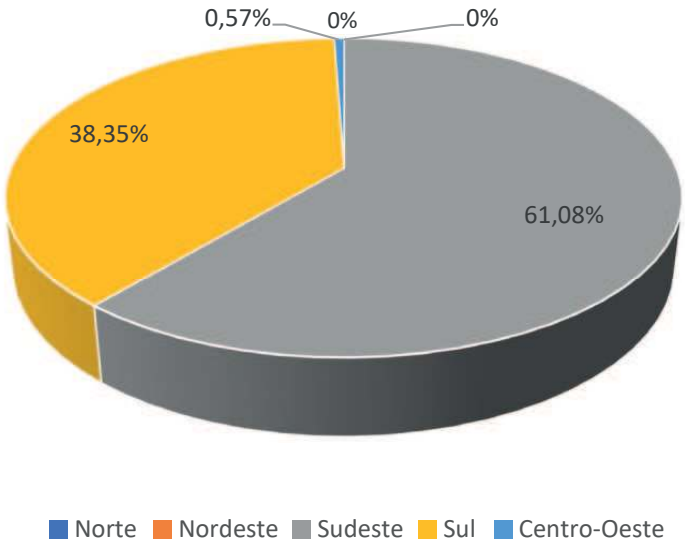
Fonte: Conab (2021).

Figura 4. Participação por região (percentual) no total comercializado de mandioquinha-salsa, no ano de 2017.



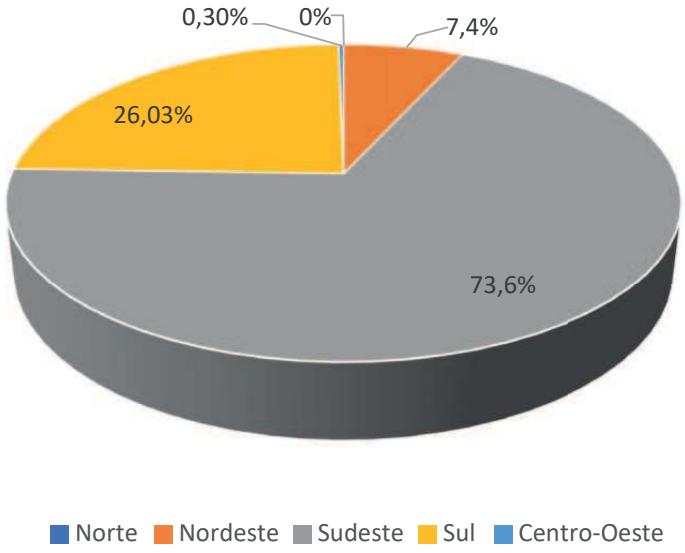
Fonte: Conab (2021).

Figura 5. Participação por região (percentual) no total comercializado de mandioquinha-salsa, no ano de 2018.



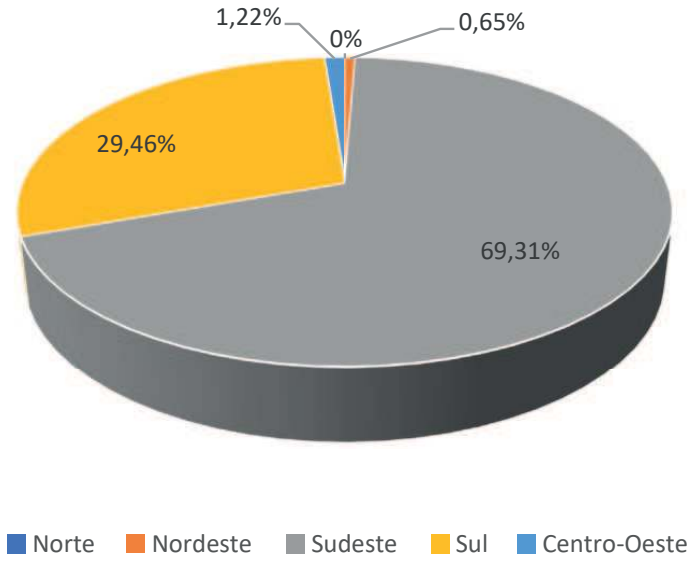
Fonte: Conab (2021).

Figura 6. Participação por região (percentual) no total comercializado de mandioquinha-salsa, no ano de 2019.



Fonte: Conab (2021).

Figura 7. Participação por região (percentual) no total comercializado de mandioquinha-salsa, no ano de 2020.



Fonte: Conab (2021).

No ano de 2016, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, respectivamente, apresentaram participação no total comercializado pela região Sudeste de 78,15%, 11,47%, 10,19% e 0,19%. Já em 2020, essas participações, em relação ao volume comercializado de cada estado da região Sudeste, foram de 55,81%, 41,57%, 2,61% e 0,01% respectivamente nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Além disso, pelos dados coletados e analisados, conforme as Tabelas 1 e 2, notou-se que as Ceasas de Minas Gerais, São Paulo e Paraná representam os maiores mercados atacadistas para a mandioquinha-salsa, sendo também os principais estados fornecedores do produto. Em 2016, foram movimentados, nas Ceasas desses estados, respectivamente um volume comercializado de 2.811,95 t; 2.030,59 t; e 3.028,29 t de mandioquinha-salsa. Já em 2020, esses valores foram de 3.290,73 t; 3.897,21t; e 2.812,30 t, respectivamente, para os estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Nota-se que o estado de São Paulo, em 2020, teve a maior parte da mandioquinha-salsa comercializada.

Segundo Santos *et al.* (2000) e Henz (2001), citados por Henz e Reifschneider (2004), a Ceagesp é o maior mercado de mandioquinha-salsa no Brasil, influenciando a formação de preços e o modo de comercialização do produto nos outros mercados. Até chegar ao mercado paulista, o produto passa geralmente por duas etapas: um intermediário ("corretor"), que compra do produtor e revende para os beneficiadores; e o beneficiador, que lava, classifica e embala o produto, e revende-o para o atacado ou diretamente para distribuidores. Além disso, segundo os autores supracitados, a maior parte da mandioquinha-salsa comercializada na Ceagesp é produzida no sistema convencional, ou seja, com a aplicação de fertilizantes químicos e uso eventual de agrotóxicos. A comercialização de mandioquinha-salsa produzida no sistema orgânico no atacado paulista é incipiente, sendo geralmente fornecida diretamente ao varejo.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo apresentar o fluxo de abastecimento, entre as regiões de produção e de comercialização de mandioquinha-salsa, entre os anos de 2016 e 2020. Mais especificamente, identificar as regiões que apresentaram a maior contribuição relativa em termos de volume do produto ofertado, além das centrais de abastecimento que receberam maiores volumes de mandioquinha.

Os resultados alcançados indicam que no período levantado na presente pesquisa, de 2016 a 2020, foram comercializadas cerca de 55.167 t, com destaque para o ano de 2017, com o maior percentual de volume comercializado no período (23%). A taxa geométrica de crescimento da quantidade produzida de mandioquinha-salsa no período foi de 3,14% a.a.

Em termos regionais, a região Sudeste se destaca na comercialização de mandioquinha-salsa em todo o período analisado. Em média, considerando todo o período, essa região teve participação no total comercializado por região de 66,68%, seguido da região Sul, com 32,50%, da região Nordeste, com 2,23% e, por fim, da região Centro-Oeste, com 0,8% de participação.

Os resultados também apontaram que as Ceasas de Minas Gerais, São Paulo e Paraná representaram os maiores mercados atacadistas para a mandioquinha-salsa, sendo os principais estados fornecedores do produto, com destaque para Minas Gerais. O fato de o estado de São Paulo ter expressiva participação nas "entradas" de mandioquinha-salsa na Ceagesp, apesar de não ser o maior produtor, segundo Pedroso (2020), se daria pelo fato de as empresas lavadoras, ao expandir a sua atividade econômica, aumentaram suas capacidades de lavagem e seleção e passaram a comprar o produto de agricultores da vizinhança, de outros municípios e até mesmo de outros estados.

Conclui-se que o presente trabalho contribuiu para a análise do fluxo de abastecimento entre as regiões de produção e de comercialização da mandioquinha-salsa, destacando que as principais regiões produtoras e seus respetivos estados concentram o abastecimento nas próprias regiões (Minas Gerais e São Paulo, na região Sudeste e Paraná, na região Sul).

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Alimentos regionais brasileiros**. 2. ed. Brasília, DF, 2015.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **PROHORT – SIMAB**. Disponível em: http://dw.ceasa.gov.br/. Acesso em: 7 mar. 2021.

CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M.; RENTERIA, J. M.; GUIMARAES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.

GIL, A. C. Método e técnica de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENZ, G. P.; REIFSCHNEIDER, F. J. B. Modernização das embalagens da mandioquinha-salsa e sua comercialização no atacado paulista. **Horticultura Brasileira** [online], v. 22, n. 4, p. 815-820, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-05362004000400032. Acesso em: 28 mar. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 2017**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas. Acesso em: 24 mar. 2022.

LEITNER, C. P. S.; ALVES FILHO, A. G. Estratégia de operações: uma abordagem teórica quanto à aplicabilidade do constructo para empreendimentos rurais produtores de grãos. **Gestão & Produção**, v. 26, n. 1, e2400, 2019.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEDROSO, M. T. M. **Cadeia econômica da mandioquinha-salsa**: implicações para a agenda tecnológica e a pesquisa agronômica (um estudo exploratório). Brasília, DF: Embrapa Hortaliças, 2020.

RODRIGUES, W.; MORAIS, M. R.; CRUZ, F. V.; ALMEIDA, A. Competitividade do Sistema Agroindustrial do Frango de Corte no Tocantins: o caso da Empresa Frango Norte. **REGE**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 195-209, abr./jun. 2011.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar [online]**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 252 p. (Estudos Rurais series).

TOLEDO, J. A. T.; RODRIGUES, M. C. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 139-156, 2017.

Revista Terceira Margem

AMAZÔNIA

59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober)

6º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC)

Ações Coletivas e Resiliência

Inovações Políticas, Socioeconômicas e Ambientais

19

A Revista Terceira Margem Amazônia traz nesta edição um conjunto de nove artigos selecionados a partir do conjunto de trabalhos aprovados e apresentados no 59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober), realizado em 2021, de forma virtual, devido à pandemia da Covid-19. Esse é o segundo ano em que a Revista Terceira Margem Amazônia publica, em parceria com a Sober, trabalhos selecionados pela sua qualidade e escopo temático, de acordo com os princípios editoriais. Essa edição apresenta aos leitores esse conjunto de 9 artigos do 59º Sober, mais 3 artigos inéditos, recebidos a partir do fluxo contínuo estabelecido pela equipe editorial, e 1 nota de pesquisa, totalizando 13 textos.